

## LITURGIA, VIDA DA IGREJA

*Pe. Thiago da Silva Vargas*

“A liturgia é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana toda a sua força”, declarou o Concílio Vaticano II em seu documento sobre a liturgia (SC 10). Será que esta afirmação vale realmente para a ação e a vida da Igreja e dos fiéis? Ela vale para a ação evangelizadora da Igreja em seus diversos níveis e atividades, também no viver e agir dos seus membros? Tentaremos refletir, neste encontro, sobre o nosso ser, viver e agir como Igreja e como cristãos à luz dos artigos 9 a 13 da Constituição “*Sacrosanctum Concilium*”.

### 1. Para começo de conversa: Tentando definir o termo “liturgia”

Primeiramente, partamos da própria palavra “liturgia”. É uma palavra de origem grega (*leitourgía*; verbo: *leilourgein*; substantivo pessoal: *leitourgós*), incorporada em nossa língua portuguesa. Ela provém da composição de **laós** [jônico; *leós*: ático] (=povo) e de **érgon** (=obra/serviço/ação). Traduzido literalmente, **leitourgía** significa “serviço feito para o povo”, ou, “serviço diretamente prestado para o bem comum”. Por exemplo, alguém participa de um mutirão... Os gregos diriam: Está fazendo uma *liturgia*. Alguém, ou um grupo, põe-se a construir uma ponte ou a organizar uma festa... Os gregos diriam: Está fazendo *liturgia*. Um sacerdote põe-se a prestar um serviço no templo... Está fazendo *liturgia*<sup>1</sup>. Por quê? Porque são *obras, serviços, ações* em favor do povo, em favor das pessoas, em favor da comunidade humana, em favor da vida humana.

O termo “liturgia”, como ação do povo ou serviço realizado a favor do povo, no conjunto da vida cristã e da ação eclesial pode ser entendido de duas maneiras complementares:

- 1) É ação de Deus servindo e santificando seu povo, fazendo-o passar da morte para a vida.
- 2) É ação do povo, servindo e glorificando a Deus em união com Jesus, no Espírito

---

<sup>1</sup> Interessante que o próprio apóstolo Paulo e a carta aos Hebreus usam o termo “liturgia” neste sentido de *serviço em favor dos outros*. Epafrodito presta *serviços* aos cristãos de Jerusalém, recolhendo esmolas para eles (2Cor 9,12). Os anjos *servem* a Deus em favor dos homens (Hb 1,7.14).

Santo.

De qualquer modo, é AÇÃO, trabalho, serviço... Coisa para se FAZER.

Liturgia é ação simbólica, ritual; expressão comunitária de nossa fé cristã. É o mistério cristão celebrado. Por essa razão, a liturgia é considerada “*cume*” para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a “*fonte*” donde emana toda a sua força (SC 10). Ou seja, a liturgia não deve ser considerada como um momento, uma atividade em meio a outras, cultivada talvez mais por uns e menos por outros. É a fonte da qual decorre, como um rio, a vida da Igreja e de cada cristão e cristã. Porque é na liturgia que o Ressuscitado vem ao encontro de sua comunidade de fé, nos atinge, nos transforma com seu Espírito, nos faz participar de sua vida de comunhão com o Pai e nos envia de volta ao mundo, renovados, santificados.

### **1. A celebração dominical, cume e fonte da vida da comunidade eclesial**

Para iniciar nossa reflexão acho bom observar o que acontece quando aos domingos a comunidade se reúne para a celebração da eucaristia ou da Palavra de Deus. Os membros da comunidade, da Igreja em determinada cidade, bairro ou zona rural, que durante a semana vivem e trabalham, estudam e se engajam nas mais diversas atividades, espalhadas no meio de tantas outras pessoas que não são membros desta comunidade, se encontram e manifestam e tornam presente a Igreja local. Eles trazem consigo tudo que viveram durante a semana que passou, o relatam, talvez já no caminho da Igreja, uns aos outros, e o levam para dentro da celebração. No ato penitencial colocam diante de Deus as falhas que aconteceram em pensamento, atos e omissões e pedem por elas perdão. A ação de graças por aquilo que foi bom na vida e nas atividades vêm à tona já no glória, mas sobretudo na oração eucarística, se houver missa, ou no momento de louvor que é o centro da celebração da Palavra. As preocupações dos membros da comunidade se tornam pedido e súplica na oração dos fiéis. Principalmente na homilia explicita-se a relação da vida com a liturgia, quando a Palavra de Deus ilumina tanto a situação passada e presente, quanto os passos a serem dados no futuro. Assim a Palavra nos orienta, recuperamos ânimo e força, particularmente se também nos alimentamos com o pão da eucaristia. E assim somos enviados, no fim da celebração dominical, para a nossa missão que cada um cumprirá no seu lugar. Os avisos no fim da celebração fazem parte deste envio, já que nos encaminham

para a ação que decorre da celebração, ou, em todo o caso, é relacionada a ela. O Senhor que nos convidou e nos levou para que estivéssemos com ele no monte Tabor da celebração, nos leva também de volta para as baixadas da vida do dia a dia com todos os seus problemas e tarefas, para vivermos e mostrarmos para o mundo o mistério do reino.

Na fidelidade à Tradição e atentos às exigências da Igreja, é nossa intenção celebrar e viver a liturgia com respiro eclesial, como ‘sinal e instrumento’ da presença de Jesus que, no Espírito, sustenta a caminhada do Povo de Deus.

No livro *O sentido espiritual da liturgia* - publicado pelas Edições CNBB - o monge e liturgista Goffredo Boselli convida para considerar a liturgia não só pelas expressões do celebrar – o que, às vezes, gera divergências em nossa Igreja -, mas, sobretudo, pelas ‘consequências práticas’ que ela tem na e para a vida da Igreja. Eis o seu questionamento:

*Tem-se, frequentemente, a impressão de que hoje a liturgia seja percebida mais como um problema a resolver do que como uma fonte da qual haurir. No entanto, o futuro do cristianismo, no ocidente, depende, em grande medida, da capacidade que a Igreja tiver de tornar a sua liturgia a fonte da vida espiritual dos fiéis. Por isso, a liturgia é uma responsabilidade para a Igreja de hoje. Convenço-me sempre mais de que a pergunta decisiva, à qual é necessário dar o mais cedo possível uma resposta, não é antes de tudo como os fiéis vivem a liturgia, mas se eles vivem da liturgia que celebram. O modo como se vive a liturgia depende, em grande medida, do fato de como eles vivem da liturgia. Viver da liturgia que se celebra significa viver daquilo que a liturgia faz viver: o perdão invocado, a Palavra de Deus escutada, a ação de graças elevada, a Eucaristia recebida como comunhão. Se vivem da liturgia, os fiéis a viverão diversamente, porque é ela mesma a ter em si aquelas energias espirituais essenciais para ser fonte da sua vida espiritual.<sup>2</sup>*

A Sacrosanctum Concilium (SC 1) coloca, entre as intenções fundamentais do Concílio, a de “fomentar a vida cristã entre os fiéis e fortalecer o que pode contribuir para chamar a todos ao seio da Igreja”. Ela pede, com insistência, uma constante formação litúrgica (cf. SC 14-19), fundamentada nos mais profundos princípios teológicos (cf. SC nn. 5-7). A Igreja procura constantemente fazer da liturgia a fonte da sua vida espiritual, de

---

<sup>2</sup> BOSELLI, Goffredo. *O Sentido espiritual da liturgia*. Brasília: Edições CNBB, 2014, p.8.

modo que, saciados pelos ‘mistérios pascais’, os cristãos vivam ‘unidos no amor’<sup>3</sup> e ‘sejam fiéis na vida a quanto receberam pela fé’<sup>4</sup>.

Antes, porém, de aprofundar a compreensão da “**Liturgia como vida da Igreja**”, penso ser necessário situar o caminho da reforma promovida pelo Vaticano II no contexto histórico geral da liturgia.

## 2. Algumas características da Liturgia no primeiro milênio

Vejam os como era a liturgia no primeiro milênio, pelo menos até o século IX. No primeiro milênio, a liturgia (toda ela) era vivida e compreendida como celebração memorial do mistério de Deus atuando na história. A liturgia era vivida e compreendida como celebração do mistério pascal. Era uma liturgia, portanto, que garantia a centralidade deste mistério. A Páscoa (paixão, morte e ressurreição), que nos fez passar da morte para a vida, era o motivo central de toda celebração da liturgia.

A liturgia tinha um cunho eminentemente eclesial-comunitário. Refletia um modo de ser igreja toda ela ministerial. A assembleia era sentida e vivida como corpo de Cristo, povo sacerdotal. Por isso se zelava pela distribuição de diferentes serviços nas ações celebrativas, e toda a assembleia se sentia celebrante da liturgia. Temos, portanto, uma liturgia cujo ator da celebração era a comunidade presidida por seus pastores. O povo todo reunido em assembleia se sentia sujeito da celebração de liturgia. E todos participavam ativamente.

Participada por todos, a liturgia é que era “a devoção popular” e a principal fonte de espiritualidade cristã. Não existiam outras devoções. A centralidade do mistério pascal celebrado na liturgia é que era determinante. Inclusive os mártires eram celebrados à luz deste mistério.

O povo tinha um contato direto com a Palavra de Deus na liturgia. Ao se proclamarem as Escrituras, o povo sentia que era Deus mesmo que estava falando. Portanto, a escuta da Palavra era vivenciada como um momento privilegiado de diálogo de Deus com seu povo.

Procurando ser fiel à tradição cristã e apostólica, isto é, buscando garantir o eixo central da liturgia, que é o mistério de Cristo, as assembleias litúrgicas sabiam participar

---

<sup>3</sup> Oração depois da comunhão na Vigília Pascal e no Domingo da Ressurreição.

deste mistério usando a linguagem própria de sua cultura, com sua língua e costumes próprios. Tanto é que se formaram, tanto no Oriente como no Ocidente, verdadeiras “famílias litúrgicas”, com sua língua e costumes próprios. Dentre as diferentes “liturgias” que se formaram no primeiro milênio, temos também a liturgia romana.

A liturgia romana, da qual somos herdeiros, tinha a característica de ser simples, sóbria, despojada e prática, mas ao mesmo tempo elegante e nobre. As orações (geralmente dirigidas ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo) eram curtas, objetivas, concisas, e muito bem elaboradas. Sem muitos rodeios, mas com elegância literária e impressionante densidade teológica, ela se atém ao essencial, a saber, ao mistério celebrado. Importante é o mistério que se celebra. A celebração eucarística tinha como finalidade adorar a Deus Pai, mas por meio de Jesus Cristo, na representação do seu sacrifício único. O culto eucarístico era impressionantemente sóbrio. Com muita reserva se falava de adoração do santo alimento.

Numa palavra, durante o primeiro milênio, o que se procurava era garantir o essencial quando se celebrava a divina liturgia, a saber: o mistério pascal como motivo central da celebração, o contato direto de todos com a Palavra de Deus proclamada na celebração, a participação ativa, consciente e plena de todos na celebração, o jeito de celebrar adaptado aos diferentes povos com sua cultura. Todos os sacramentos eram vistos como presença viva do Deus da vida. Pelos sacramentos somos ‘tocados’ pelo mistério pascal do Senhor e nós ‘apalpamos’ o mistério de Cristo que nos salva e dá coragem.

## **2. A Liturgia romana no segundo milênio: deslocamentos de eixo**

No segundo milênio da era cristã (por influência remota dos povos franco-germânicos, a partir do século IX, e pelo posterior centralismo romano) aconteceu um impressionante deslocamento de eixo na compreensão e vivência da Liturgia.

A centralidade da Liturgia como celebração do mistério pascal cedeu lugar às devoções (devoção aos santos e ao Santíssimo Sacramento). As devoções passaram a ocupar o lugar central. Os próprios sacramentos, que antes eram compreendidos e vividos como celebração do mistério pascal, agora são vistos preferencialmente como “remédio”

---

<sup>4</sup> Oração da missa de terça-feira da Oitava de Páscoa.

para curar os males, ou preveni-los, e manter uma boa relação de amizade com Deus, para escapar do perigo do inferno.

A dimensão eclesial comunitária da Liturgia cede lugar ao individualismo religioso, pois o povo não se sente mais assembleia, povo sacerdotal, corpo de Cristo, sujeito da celebração litúrgica. O padre aparece como o único celebrante da Liturgia, transformada num fato puramente clerical. O individualismo religioso assumiu o lugar central.

Outro deslocamento de eixo: A Liturgia como fonte de espiritualidade cristã cede lugar às devoções. O centro de espiritualidade não é mais o mistério pascal celebrado na Liturgia, mas os santos e o Santíssimo Sacramento venerados pelas práticas devocionais (novenas, promessas, procissões, adorações etc.).

A centralidade da Palavra de Deus na Liturgia cede lugar às devoções a Jesus e aos santos. A participação plena na missa pela sagrada comunhão cede lugar à prática devocional de “ver e adorar” a hóstia consagrada. Bastava “ver” a hóstia e “adorá-la”, e o povo já se dava por muito satisfeito. O povo raramente comunga. E quando o faz, é mais por devoção.

Outro deslocamento de eixo: O uso da língua e costumes próprios das culturas dos povos, na celebração do mistério pascal, cede lugar (no Ocidente) ao centralismo de Roma que obriga a todos adotarem rigorosamente o modelo romano, nos seus moldes medievais e pós-tridentinos de celebrar a Liturgia.

E mais: A nobre simplicidade da Liturgia romana do primeiro milênio, em sua forma de celebrar o mistério, cede lugar à extravagante pompa barroca no período pós-tridentino, com o enaltecimento exagerado dos elementos exteriores do culto, relegando o essencial para segundo plano.

Numa palavra, aconteceu no segundo milênio um impressionante deslocamento de eixo na compreensão e vivência da Liturgia: do essencial para aspectos acidentais, do teologal para o devocional, do eclesial-comunitário para o individualismo religioso, do mistério celebrado para o cumprimento meramente exterior dos ritos, da adaptação às culturas para a uniformidade rígida e obrigatória para todos, da nobre simplicidade para cerimoniais complicadíssimos, incompreensíveis.

Foi com esta vivência e compreensão de Liturgia, isto é, em moldes medievais e pós-tridentinos, que fomos evangelizados no Brasil. Esta foi a Liturgia que herdamos e que

se enraizou no imaginário de nossa gente, que passou a compor (pelo “catolicismo popular”: Puebla 444) o mosaico da nossa tradição cultural.

### **3. A Ecclesiolgia do Vaticano II e a Liturgia**

Com essas palavras, o papa Paulo VI recordava na II Sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II que, para sermos cristãos, não é suficiente uma identidade ‘dogmática’ e jurídica. É preciso, de maneira especial, haurir luzes e orientações dos tesouros da história bíblica e da vida litúrgica, da relação intereclesial e com o mundo. As quatro Constituições do Concílio definem esse programa ao estabelecer a necessidade de viver:

- da escuta da Palavra (DV),
- da celebração do culto (SC),
- da relação eclesial (LG),
- da relação com o mundo (GS).

A conversão pastoral – à qual somos chamados – convida-nos para a direção da fidelidade às origens. Para sermos fiéis à Tradição, é preciso ter a coragem de mudar!

Com a Constituição dogmática *Lumen Gentium*, a Igreja expressa a compreensão de si mesma e proporciona muitas luzes para que os fiéis entendam e vivam a e da liturgia. Na LG, a Igreja manifesta a consciência de ser o corpo e o sacramento de Cristo, que é a sua Cabeça. Celebrando-o na liturgia, o Mistério pascal se torna presente de forma sacramental, uma vez que “toda a liturgia é uma realidade sacramental”<sup>5</sup>. Mais ainda, com a oração da Igreja, afirma-se que “principalmente no divino Sacrifício da Eucaristia, se exerce a obra de nossa Redenção”<sup>6</sup>.

## **2. O lugar da liturgia na ação evangelizadora da Igreja**

### **a) A liturgia – cume**

---

<sup>5</sup> GOPEGI, Juan A. Ruiz De. *Eukharistia. Verdade e caminho da Igreja*. São Paulo: Edições Loyola, 2008, p. 29. O autor escreve ainda: “É no horizonte sacramental da liturgia que deve ser pensada a relação entre Escritura e rito na liturgia. A Sagrada Escritura é proclamada não somente a modo de ‘edificação’ ou ‘instrução’, mas como evento sacramental constitutivo da liturgia”, p. 29.

<sup>6</sup> Cf. Oração sobre as oferendas do IX Domingo do Tempo Comum. Escreve o teólogo Gopegi: “A fonte da presença divina no mundo através do mistério da Igreja é a ‘exaltação’ do Cristo crucificado à direita do Pai, celebrada na Eucaristia, que constitui a Igreja como Corpo do Senhor ressuscitado. A Eucaristia é, assim, fonte de toda a ação da Igreja, sempre sacramental”: in GOPEGI, op. cit. p. 29.

A mesma relação da liturgia com a vida e a ação da Igreja que observamos nas comunidades que celebram sua vida de fé, vale em todos os níveis da Igreja. Esta relação é inerente à natureza da liturgia como celebração do mistério pascal de Cristo. A páscoa de Cristo aconteceu não apenas quando ele morreu e ressuscitou em Jerusalém, há quase dois mil anos; ela continua acontecendo quando os membros do seu corpo vivem a sua páscoa no dia-a-dia, no seu sofrer e alegrar-se em união íntima com o Cristo pascal que está na glória do Pai, mas está também presente na história, pelo seu Espírito. É também esta vida das pessoas humanas, unidas consciente ou inconscientemente a Cristo, que celebramos na liturgia. Liturgia, no entanto, celebração e festa, é sempre ponto alto em nossa vida.

Mas o Vaticano II não confirma apenas teoricamente esta verdade; ele mostra como se realiza a culminância da vida e ação da Igreja na liturgia. O respectivo texto do Concílio começa com a constatação que a “liturgia não esgota toda a ação da Igreja” (SC 9) e explica que antes de se achegarem à liturgia, as pessoas devem receber e acolher o anúncio da salvação, e que aqueles que crêem devem dispor-se sempre de novo para a liturgia.

Neste contexto podemos pensar particularmente na catequese, na preparação para todos os sacramentos, mas especialmente na iniciação cristã. Em todos estes casos o anúncio da Palavra e sua aceitação, também o ensino mais sistemático da doutrina cristã, são fundamentais.

Se consideramos as diversas dimensões da ação evangelizadora, como elas se apresentam nos planos pastorais da CNBB nacional, dos regionais e das dioceses, assim como as prioridades da ação evangelizadora, a importância que se dá geralmente às outras dimensões da pastoral, raramente se percebe que a liturgia ocupe o devido lugar, que ela seja cume e fonte das outras dimensões e das atividades pastorais em geral, como é o caso da celebração dominical nas comunidades e paróquias.

## **b) A liturgia – fonte**

Como o Concílio Vaticano II explicou no artigo 9 da *Sacrosanctum Concilium* que todas as ações da Igreja encontram na liturgia sua culminância, assim explica no artigo seguinte que a liturgia é a fonte de toda a vida da Igreja. O Concílio diz literalmente que “a liturgia (...) impele os fiéis que (...) sejam concordes na piedade (...) que conservem em suas

vidas o que receberam pela fé”, que a “eucaristia solícita e estimula os fiéis para a caridade imperiosa de Cristo” (SC 10).

Já lembramos que muitas das atividades da comunidade eclesial se anunciam e que para elas se convida no fim da celebração dominical. Também nos outros níveis de Igreja, da diocese até à Igreja universal, tudo é ou deve ser resposta nossa aos apelos de Deus que nos atingem sobretudo pela proclamação da Palavra de Deus na liturgia. Exemplo e prova para tal constatação é também o fato que muitas vezes começamos nossas assembleias pastorais, os planejamentos e as avaliações, as reuniões dos nossos conselhos e outros grupos de trabalho pastoral com uma leitura bíblica e oração, portanto, com uma celebração da Palavra.

Considerar a liturgia como cume e fonte da ação da Igreja, como o Concílio Vaticano II o fez, era uma novidade que até então nunca foi afirmada com igual clareza. Mas a Igreja na América Latina, na segunda conferência do seu episcopado, realizada no ano de 1969 em Medellín, deixou isso ainda bem mais claro. Tendo afirmado que Deus é o Senhor da história também no “gigantesco esforço por uma rápida transformação e desenvolvimento” daquela época, explicou que “assim como Israel, o antigo povo, sentia a presença salvadora de Deus quando da libertação do Egito, da passagem pelo Mar Vermelho e conquista da terra prometida, assim também nós, o novo povo de Deus, não podemos deixar de sentir seu passo que salva quando se dá o verdadeiro desenvolvimento, que é, para todos e cada um, a passagem de condições menos humanas a condições mais humanas” (Med.,. Introd., 4 e 6).

### **3. A liturgia como centro e coração da vida e da espiritualidade dos cristãos**

Por sua natureza a liturgia é a celebração do mistério pascal. Quem celebra é Jesus Cristo, o sumo sacerdote da nova e eterna aliança, que no exercício do seu sacerdócio une a si os membros do seu corpo místico, que por força do batismo participam do seu sacerdócio. Todos os batizados têm, por isso, o direito e o dever de participar ativa, consciente e frutuosa das celebrações litúrgicas. No entanto, para que possa haver tal participação plena, o Concílio diz ser necessário “que os fiéis se acerquem da sagrada liturgia com disposições de reta intenção, sintonizem a sua alma com as palavras e cooperem com a graça do alto, a fim de que não a recebam em vão” (SC 11).

Sabemos da história que nem sempre se evitou o perigo de considerar a liturgia como ação meramente externa, uma realização de ritos. Muitas vezes a mente e o coração dos que celebravam estavam longe de Deus, quando a ele se ofereciam os sacrifícios de animais no Antigo Testamento, no templo de Jerusalém, assim como também ao longo da história da Igreja, desde que por sacramento se entendia apenas o lado externo, as palavras e os gestos, mas não mais o mistério que se celebrava. O Concílio Vaticano II e antes dele já o movimento litúrgico, recuperaram a visão completa dos sacramentos e de toda a liturgia como celebração ritual, em sinais e palavras, do mistério da salvação que é a redenção da humanidade em Jesus Cristo, também sobre nós que formamos o templo do Espírito.

Nossa ação litúrgica é, portanto, uma ação no Espírito Santo, uma ação verdadeira e profundamente espiritual. Como tal ela deve ser cume e fonte de toda a vida no Espírito, que nos foi dado inicialmente no batismo. O Vaticano II diz a respeito no documento sobre a liturgia: “A vida espiritual não se restringe unicamente à participação da sagrada liturgia. O cristão, chamado para a oração comunitária, deve, não obstante, entrar em seu quarto e orar ao Pai em segredo; deve até orar sem cessar, como ensina o apóstolo. E do mesmo apóstolo aprendemos que devemos trazer em nosso corpo a morte de Jesus para que também a sua vida se manifeste em nossa carne mortal” (SC 12).

#### **4. Liturgia e piedade popular**

As devoções populares receberam na *Sacrosanctum concilium* um tratamento especial, ainda dentro do item maior “A liturgia no conjunto da missão da Igreja”. O respectivo artigo começa assim: “Os piedosos exercícios do povo cristão, conquanto conformes às leis e normas da Igreja, são encarecidamente recomendados, sobretudo quando são feitos por ordem da Sé Apostólica” (SC 13). Não há dúvida de que os padres conciliares aqui pensavam em devoções como a via sacra, o rosário, ou o Anjo do Senhor. Pelo seu conteúdo estas devoções se aproximam da própria liturgia, já que nelas comemoramos e contemplamos os grandes mistérios da obra salvífica de Deus: Na via sacra a sua paixão e morte, eventualmente também a ressurreição; no rosário a encarnação, a paixão e a glorificação do Senhor, e ainda a vinda do Espírito Santo e a glória da mãe de Jesus, desde há pouco ainda alguns outros acontecimentos importantes da vida de Jesus: no

Anjo do Senhor lembramos sobretudo a encarnação do Filho de Deus, mas em sua oração final também sua paixão, morte e ressurreição. Se entendemos por liturgia a celebração do mistério pascal, estas devoções podem ser consideradas como litúrgicas mesmo, sobretudo se celebradas em comunidade. O Concílio, no entanto, não as reconheceu como ações litúrgicas. Mas isso não deve impedir de apreciá-las. Pelo contrário, como o próprio Concílio salienta, elas são encarecidamente recomendadas, porque condizem com a liturgia, dele de alguma forma derivam e a ela encaminham (Cf. SC 13).

Apesar de tudo isso, não podemos esquecer que a liturgia, como diz o Vaticano II, por sua natureza supera em muito as devoções populares (cf. SC 13). Esta constatação se compreende quando levamos em conta não somente a presença mais ou menos explícita do mistério pascal em uma devoção. Também a estrutura da oração ou da celebração tem valor. Em muitas das devoções e orações populares que reza não se dirige ao Pai pelo Filho no Espírito Santo, o que corresponderia à ação de Deus para conosco, que tem sua fonte no Pai, é realizada pelo Filho e nos atinge no Espírito Santo. A oração cristã, como já era a oração do povo da antiga aliança, é resposta à Palavra e à ação de Deus. Nas devoções populares proclama-se raramente a Palavra e se comemora pouco a ação de Deus. Por isso, a oração que deveria ser resposta nossa à Palavra e ação de Deus, geralmente não é em primeiro lugar ação de graças e louvor, e sim muitas vezes sobretudo ou exclusivamente pedido de súplica.

Todas estas considerações nos confirmam que a liturgia é realmente “o ponto culminante para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de onde provém toda a sua força” (SC 10). De fato, também as devoções populares e a oração particular nos devem conduzir ao mistério, à comunhão com Deus que é nossa salvação, a salvação do mundo. Do outro lado, oração e devoções devem ser um prolongamento da liturgia, um caminho que muitas vezes é mais viável para Deus à procura da pessoa humana, e para a pessoa humana a procura de Deus.

#### **4. Algumas considerações e propostas**

- a) O ‘ato litúrgico’ ou “celebrativo” não pode ser isolado da vida eclesial e cultural em seu conjunto. O que celebramos tem uma ligação com o cotidiano e a ele conduz. “A liturgia não esgota toda a ação da Igreja” (SC 9). Existe um antes e um depois

dela, e “a vida espiritual não se restringe unicamente à participação da sagrada liturgia” (SC 12). Quem celebra é uma pessoa com sua história, que vive num contexto concreto. A pessoa que participa da celebração litúrgica é pessoa ‘concreta’, que vive sua história na História da Salvação com as expressões rituais - ritos e preces - próprias de uma cultura e de uma história eclesial.

- b) Devemos fugir da tentação do protagonismo que, “às vezes, assume traços de verdadeiro e autêntico exibicionismo”<sup>7</sup>. Foi observado que a liturgia deve conduzir e não seduzir, isto é, apontar caminhos para Deus e não para si mesmos.
- c) Pastores e liturgistas têm, ainda, um desafio e um compromisso. Como vimos, a SC deve ser lida e aplicada à luz dos sucessivos documentos conciliares. Então, o espírito do Concílio foi assimilado? Tem crescido entre nós uma visão de Igreja segundo SC, DV, LG e GS? De que modo ajudar, hoje, o povo a entender e viver o Mistério pascal que a Igreja celebra e testemunha?
- d) Uma última reflexão. A liturgia – enquanto momento da História da Salvação – usa uma linguagem simbólica, caracterizada pela gratuidade, pela ‘arte’, como um ‘jogo’, na espontaneidade e alegria<sup>8</sup> para ‘estar diante de Deus na gratuidade do amor’. Da História da Salvação que, celebrando, atualizamos, nós não somos os protagonistas, mas, em Cristo, fomos escolhidos para sermos santos e irrepreensíveis diante dele no amor... para louvor e glória da sua graça com a qual ele nos agraciou no Amado (Ef 1,4-6).

---

<sup>7</sup> BIANCHI, op. cit. p. 99. Continua o autor: “Resultado: já não são levadas em conta as ações de Deus, e os fiéis são levados a receber os gestos litúrgicos como ações que pertencem a quem as cumpre. É o que acontece, infelizmente, quando aquele que preside deixa de ‘ser sinal’, pois de fato seduz (do latim se-ducere: atrair para si), despertando admiração pela pessoa que preside, e assim pervertendo o escopo da liturgia, que consiste em levar para Cristo e, através dele, para Deus Pai, graças à ação do Espírito Santo... Papa Bento XVI escreve: “Recomendo ao clero que aprofunde sempre mais a consciência do próprio ministério eucarístico como humilde serviço a Cristo e à Igreja” (SaCa 23). O mesmo autor denuncia, em seguida, as tentações que chama de hierática (“da qual hoje existe até muita saudade, mas que realmente não passa de certa ‘sacralidade’ fictícia, como vantagem para quem preside, o qual aparece como figura que se destaca em baixo-relevo assírio, como que atingido de síndrome extrapiramidal”) e do esoterismo (“essa tendência a reconhecer o seguinte: quanto menos se compreende o que se diz e se faz, mais se ganha em mistério: é a pernicioso confusão entre mistério e enigma”: ib. pág. 100).

<sup>8</sup> Já destacamos o ensinamento de Romano Guardini. Em sua palestra no Seminário organizado pela CNBB e ASLI, em Itaici - SP (31 de janeiro – 4 de fevereiro de 2012), o prof. Grillo convidava a “resistir à lógica da redução, quer objetivista, quer subjetivista, da experiência de fé, que os ritos preservam, em sua riqueza originária e escatológica”: cf. VVAA. Liturgia Momento Histórico da Salvação (= Coleção 50 anos da Sacrosanctum Concilium, 2). Brasília: Edições CNBB, 2014, p.11.